

Nasceu prematura e só por volta dos seis meses é que a doença se revelou.

Agora, surge a esperança de um dia vir a andar e ter melhor qualidade de vida.

Nem sempre a vida é justa. Que o digam os bebés que nascem antes do tempo previsto e que têm de lutar logo pela vida. A Carolina é uma menina de três anos, muito vivaça e bem-disposta, que nasceu prematura – de 29 semanas –, com 1,100 kg.

Não teve de ser ligada ao ventilador para respirar, pois o sistema respiratório estava a formar-se sem necessidade de “ajuda”, e em apenas um mês pôde deixar a maternidade, uma vez que ganhou peso necessário para tal. Para ela também não foi difícil aprender a mamar, ao contrário do que acontece com a maior parte dos prematuros.



“Cá, O FUTURO DELA será numa CADEIRA de RODAS



Por falta de apoios do Estado, Carolina continua a andar na cadeirinha de bebé

“Ninguém estava à espera que ela nascesse antes do tempo”, conta Leonilde Brito, a avó materna, que acrescenta: “A minha filha tinha feito uma ecografia poucos dias antes de ter a Carolina e estava tudo bem. No entanto, queixou-se de algumas dores; dizia-me que era uma moinha que sentia na barriga. Fiquei preocupada e disse-lhe que o melhor era ir ao hospital. Quando lá chegámos, ela já tinha contracções e alguns dedos de dilatação, por isso, não a deixaram sair. A bebé nasceu com bom peso e não precisou de ser ventilada.”

Por ser prematura fizeram-lhe mais exames do que habitualmente e os médicos revelaram à família que a bebé tinha leucomalácia periventricular. “Na altura não percebemos o que queria dizer, até porque nunca tínhamos ouvido falar, mas explicaram-nos que isso traduzia-se nuns espaços vazios no cérebro, que deviam estar preenchidos. Mas também não nos afligiram, pois disseram que era natural os prematuros nascerem assim e, em princípio, não deveria trazer sequelas. O certo é que até hoje não se sabe se a paralisia cerebral advém daí. Depois disso já rea-

lizou várias ecografias e esses espaços do cérebro já estão preenchidos”, conta Carla Brito, a tia da menina.

“Até agora não notámos melhoras”

Carolina desenvolveu-se sempre muito bem até à altura de começar a sentar-se, por volta dos seis meses. Levantou a cabeça mais tarde, mas, “tanto nós como a médica pensávamos que ela estava a fazer essas coisas mais tarde pelo facto de ser prematura. A Carolina não tem equilíbrio, mas se estiver deitada mexe as pernas”.

Dois dias de fisioterapia por semana, durante 45 minutos, não são suficientes para a criança vir a andar. “Até agora, não notámos melhoras nenhuma e 45 minutos não é nada a comparar com o que ela precisa. Primeiro frequentou o Hospital de Santa Maria, mas agora está

“Os colegas são muito protectores”

As dificuldades com que a Carolina se debate no dia-a-dia são várias, apesar de estar integrada no jardim de infância. “Falta material adequado para ela. Não têm cadeirinha apropriada, ainda anda no carrinho de bebé dela. A Segurança Social disponibilizou uma terapeuta para estar com ela uma vez por semana. Se têm de fazer pinturas ela não tem o material apropriado, ao contrário do que acontece no Lumiar. Os meninos tratam-na muito bem, são muito protectores”, revela a avó.



É com Leonilde, a avó materna, que Carolina irá a Cuba

"A pequena Carolina com a avó e a tia Carla Brito, que foi quem criou o seu 'site' na Internet



Como ajudar

No site carolinlucas.com pode ler-se o apelo da menina: "Tenho muita vontade de andar e correr como os outros meninos. A minha família e os Srs. Doutores de Cuba vão ajudar-me! A ti, peço-te que os ajudes a ajudar-me. Todas as ideias e donativos são bem-vindos!" Se quiser fazer um donativo, os dados são:

BANCO SANTANDER TOTTA

N.º de conta: 000316754855020

N.I.B.: 0018 0003 16754855020 12

IBAN: T50001800031675485502012

BIC/SWIFT: TOTAPTSL



no Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian, no Lumiar, e integra um grupo onde faz terapia da fala, ocupacional, entre outras. A menina também anda num infantário e faz hidroterapia. "A minha neta precisava de fazer uma fisioterapia mais intensiva, ela e os outros meninos", esclarece a avó.

Quisemos saber como é que os pais da pequena Carolina reagiram à ras-teira que a vida lhes pregou e, segundo Carla Brito, os pais da menina "não reagiram mal, porque foi tudo muito gradual. Nunca lhes disseram directamente do que padecia Carolina". Os médicos falavam em termos técnicos que eles não percebiam, mas acabaram por confirmar que a menina tem paralisia cerebral. Além disso, "a minha irmã pedia para a criança fazer fisioterapia, mas a pediatra dizia que ela ainda não tinha idade. Só após muita insistência a

médica acabou por ceder. Se tivesse começado mais cedo as sessões, com certeza teria melhorado mais...", diz, resignada com a sorte. "No Lumiar eles têm muita boa vontade, mas os tratamentos não chegam."

"É necessário reunir 15 000 euros"

Apesar dos progenitores estarem separados, Carolina tem boa relação com o pai e vê-o com regularidade e Filipa também encontrou no ex-companheiro o apoio que precisa para levar a vida para a frente. Mas não é só o pai da menina que a ajuda, pois a mãe e a irmã também fazem tudo pela criança.

De acordo com as palavras da avó, "foi um médico que nos falou da existência da CIREN (Centro de Restauração Neurológica), em Cuba, e a minha filha procurou mais informações. Começámos a reunir os exames de-

A falta de ajuda do Estado

Por lei, qualquer deficiente tem direito aos apoios técnicos. "Normalmente, compramos, por exemplo, as talas e pedimos ao senhor da loja para não passar a factura enquanto não vierem os apoios do Estado. O que é certo é que depois não há dinheiro e essas despesas têm de sair dos nossos bolsos. É uma tristeza porque o nosso país não nos dá ajuda nenhuma," esclarece Leonilde Brito.

la, mandámos e eles dizem que ela tem muitas hipóteses de recuperar. Mas não temos dinheiro para ir a Cuba", salienta a tia de Carolina.

Só depois da primeira viagem é que se vai ficar a saber de quantos ciclos de tratamento é que a menina precisa. É necessário reunir 15 000 euros para a primeira viagem e para as sessões, montante esse que já está quase reunido com a ajuda de muitos conhecidos e anónimos que querem ver Carolina mais feliz. "À partida, serão precisos, pelo menos, dois ciclos, que não têm de ser seguidos", revela Carla Brito. "Conheço muitos casos que vão e regressam e só quando conseguem angariar mais dinheiro é que vão outra vez", explica a tia. Contudo, os profissionais de saúde não dão grandes esperanças à família da Carolina: "Cá, os médicos dizem que o futuro dela será numa cadeira de rodas." MM

Texto: Carla Vidal Dias. Fotos: João Sá e fotos cedidas pela família